

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE CHAPADÃO DO SUL
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

**Trabalho Precário: uma análise no contexto da agroindústria
frigorífica brasileira**

ELAINE MONTEIRO DA SILVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE CHAPADÃO DO SUL
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

**Trabalho Precário: uma análise no contexto da agroindústria
frigorífica brasileira**

Orientador: Professora Dra. Georgiana Luna Batinga

Artigo científico apresentado como requisito parcial à aprovação na disciplina de TCC para obtenção do grau de Bacharela em Administração, pelo curso de Graduação em Administração (CPCS/UFMS).

Chapadão do Sul – MS

Outubro – 2021

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

AUTOR(A): Elaine Monteiro da Silva

ORIENTADOR(A): Professora Dra. Georgiana Luna Batinga

Aprovado pela Banca Examinadora como parte das exigências da disciplina de TCC, para obtenção do grau de Administrador, pelo curso de Bacharelado em Administração da UFMS/CPCS.

Profa. Dra. Georgiana Luna Batinga

Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR

Prof. Dr. Élcio Gustavo Benini

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Profa. Dra. Rocio del Pilar López Cabana

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Chapadão do Sul, 06 de outubro de 2021

Oferecimentos

Ao meu pai e minha mãe, por me educarem e me incentivarem a realizar meus sonhos. A minha tia Kelly, por sempre me ouvir quando preciso de alguém para conversar. A toda minha família, amigos e professores, que compartilham comigo este experimento chamado vida.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, por ter me dado saúde e força nesses tempos difíceis. Aos meus pais, Edinaldo e Edilene, pelo apoio e incentivo incondicional para que eu seguisse meus estudos. A minha professora orientadora Georgiana Luna Batinga, que deu todo o auxílio necessário para a elaboração deste trabalho. Agradeço a todos os professores que contribuíram para minha formação, em especial aos professores do curso de Administração que por meio dos seus ensinamentos permitiram que eu pudesse estar concluindo este artigo.

SUMÁRIO

	Página
1. Introdução.....	9
1.1 Apresentação do Tema.....	9
1.2 Problema da Pesquisa.....	10
1.3 Justificativas.....	10
1.4 Objetivos.....	10
2. Revisão de Literatura.....	10
2.1 A abordagem do trabalho na Administração.....	10
2.2 O trabalho precário.....	13
2.3 O trabalho precário nos frigoríficos no contexto da agroindústria brasileira.....	15
3. Metodologia.....	17
3.1 Método de abordagem.....	17
3.2 Coleta de dados.....	18
3.3 Técnica para análise de dados.....	18
4. Análise de Dados.....	19
4.1 Apresentação do contexto da pesquisa.....	19
4.2 Condições de trabalho nas principais agroindústrias frigoríficas nacionais.....	21
4.3 A precariedade das condições de trabalho.....	22
4.4 Os sentidos do trabalho para os trabalhadores desses frigoríficos.....	26
5. Considerações Finais.....	28
6. Referências.....	30

Trabalho Precário: uma análise no contexto da agroindústria frigorífica brasileira

Resumo - O trabalho precário ainda é algo existente na realidade do trabalhador de hoje, os trabalhos nos frigoríficos não estão isentos dessa triste situação, vivenciada diariamente por muitos trabalhadores, que são submetidos a condições em que não há preocupação com sua saúde e direitos trabalhistas. Nesse sentido, o objetivo deste artigo, é analisar as condições precárias do trabalho vivenciado pelos trabalhadores que atuam na agroindústria frigorífica. Para alcançar o objetivo, foi realizada uma pesquisa documental sobre assunto, a fim de buscar informações nos mais variados tipos de canais publicados sobre o tema. O resultado da pesquisa aponta diversas situações em que o trabalho em frigoríficos está em oposição a saúde e a dignidade humana, já que, o trabalhador da agroindústria frigorífica é exposto diariamente a uma exaustiva rotina de repetição de diversos movimentos, associada ao uso de ferramentas perfurocortantes que podem ocasionar lesões e lacerações, colocando sua saúde e sua vida em risco, além do sofrimento psíquico a que estão submetidos, em função da intensidade de cobrança e a pressão psicológica. O interesse em trabalhar essa temática, surgiu, por se observar que existem poucos trabalhos acadêmicos publicados, que relacionem o trabalho realizado em frigoríficos com a precariedade.

Palavras-chave: Trabalho Precário; Frigoríficos; Trabalhador.

Precarious work: an analysis in the context of the Brazilian meatpacking agroindustry

Abstract - Precarious work is still something that exists in the reality of today's workers, working in slaughterhouses is not exempt from this sad situation, experienced daily by many workers, who are subjected to conditions in which there is no concern for their health and labor rights. In this sense, the aim of this article is to analyze the precarious work conditions experienced by workers who work in the meatpacking agroindustry. To achieve the objective, a documental research on the subject was carried out, in order to seek information in the most varied types of channels published on the subject. The research result points out several situations in which working in meatpacking plants is in opposition to health and human dignity, since the worker in the meatpacking agroindustry is daily exposed to an exhaustive routine of repetition of various movements, associated with the use of sharp tools which can cause injuries and lacerations, putting their health and life at risk, in addition to the psychological suffering they are subjected to, due to the intensity of the demands and psychological pressure. The interest in working on this theme arose, as it was observed that there are few published academic works that relate the work carried out in slaughterhouses with precariousness.

Keywords: Precarious work; Refrigerators; Worker.

1 Introdução

A agroindústria frigorífica no Brasil movimentou milhões, em 2020, as carnes exportadas (bovina, suína e de aves), deixou o Brasil ocupando o segundo lugar, com 7.4 milhões de toneladas ou 13,40% do total mundial, conforme dados da SNA (Sociedade Nacional de Agricultura) (SNA, 2021). De acordo com a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), a agroindústria brasileira tem participação significativa no PIB do país, sendo que 5,9% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro provem da agroindústria. Apesar desses números demonstrarem avanço na economia do país, o outro lado da história onde se encontra o trabalhador assalariado, conta uma realidade diferente. O que se presencia no setor de carnes, é a ampla rotatividade da força de trabalho, com grandes índices de adoecimento, por se tratar de um trabalho exaustivo, além de proporcionar baixos salários (JESUS, 2018).

Os números apresentam a dimensão e a importância de um setor que contribui de maneira significativa para economia do país, gerando riqueza e empregos, mas é preciso olhar atentamente para os “custos” sociais escondidos nesses índices, e problematizar as condições de trabalho de trabalhadores da agroindústria frigorífica brasileira, recorte de interesse dessa pesquisa. Antunes (2018) expõe que a rotina do trabalho na agroindústria, é caracterizada pelos adoecimentos, as mutilações e o envelhecimento precoce. Sobre uma parte da agroindústria que é a atividade avícola, o autor salienta que a mesma tem conseguido aumentar a exploração da força de trabalho, uma vez que o risco de adoecimentos físicos e mentais fazem parte do dia a dia, colaborando com o fortalecimento de uma estrutura de trabalho que é marcada pela precarização e pela superexploração (ANTUNES, 2018).

Petean (2020) ressalta que desde seus princípios, os trabalhos realizados em frigoríficos são degradantes, além de exigir dos trabalhadores força em excesso, agregado a um ambiente insalubre. É preciso entender que existem motivos que levam uma pessoa a se submeter a esse tipo de trabalho, “a insegurança por medo do desemprego faz com que as pessoas se submetam a regimes de trabalho intensos, em condições precárias, em ambientes insalubres e de alto risco, e a contratos com baixa remuneração” (MARRA, SOUZA e CARDOSO, 2013, p. 3261).

Em sua pesquisa de mestrado, Heck (2013) expõe que os frigoríficos são territórios da degradação do trabalho que tem consequências na saúde e na vida do indivíduo que trabalha, para o autor, a prática de trabalho em frigoríficos é capaz de causar resultados irreversíveis, como por exemplo, a invalidez de muitos empregados. Portanto, por meio do que foi exposto, é possível perceber que os números que mostram desenvolvimento e crescimento quando

analisados de longe, não condizem com a realidade do trabalho em frigoríficos. Como ressalta Antunes (2018), da mesma forma que o trabalho seja algo necessário a vida das pessoas e ao mesmo tempo transformador, deve-se rejeitar o trabalho que explora, aliena e infelicitiza o ser social.

Em virtude de estar estudando em uma Universidade Federal do estado de Mato Grosso do Sul, que está localizada em uma região onde o trabalho das pessoas e sua economia gira em torno do agronegócio, surge a importância e necessidade de subsidiar o atual debate sobre o trabalho precário dentro da agroindústria brasileira, importante setor econômico do país. O Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, relatou que no ano de 2020, o Valor Bruto da Produção (VBP) do Estado cresceu 29%, tendo a histórica marca de R\$ 70,9 bilhões, além de ficar em 7º no ranking brasileiro nas riquezas produzidas pelo agronegócio de acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) (YAFUSSO, 2021).

Para entender melhor a classe trabalhadora de frigoríficos, é preciso conhecer mais sobre a realidade social em que vivem, por isso, a importância das pesquisas realizadas sobre o assunto. Com isso, a proposta deste trabalho foi a de realizar uma pesquisa documental sobre o tema, com o objetivo de analisar as condições precárias do trabalho vivenciado pelos trabalhadores que atuam na agroindústria frigorífica. Ponderando a dimensão de importância e lucratividade que a cadeia da carne possui no contexto do agronegócio brasileiro. Para a realização desse objetivo, foram realizadas buscas com filtros e recortes específicos nas plataformas *Google*, *Google Scholar* e *Spell*, além de uma extensa e variada pesquisa documental.

O trabalho está dividido em cinco partes, iniciando-se por esta introdução. Na segunda parte apresenta-se o referencial teórico, onde buscamos um resgate do significado do trabalho na administração, o trabalho precário na atualidade e dentro dos frigoríficos. Na terceira etapa, tem-se a metodologia, seguida pela análise de dados com as devidas discussões sobre o tema. Por fim, é apresentado as considerações finais com as principais descobertas do presente estudo.

2 Revisão de Literatura

2.1 A abordagem do trabalho na Administração

Com o advento das Revoluções Industriais ocorridas nos séculos XVIII e XIX na Inglaterra, o modo de produção e o mundo do trabalho passou por significativas e irreversíveis mudanças. A invenção de novas máquinas e equipamentos de trabalho, promoveu a substituição do trabalho rural e artesanal pelas atividades industriais (ORNELLAS e MONTEIRO, 2005).

O trabalhador artesanal, que antes trabalhava sozinho, com suas ferramentas e seus próprios meios, passou a ser um subordinado na fábrica, em troca de um salário, ou seja, seu trabalho passou a ser vendido como uma mercadoria. Com tantas mudanças, no início do século XX, acontece a produção dos primeiros trabalhos dedicados a compreender, descrever e analisar os processos e as relações de trabalho dentro das fábricas, era o início da Administração. Observa-se o desenvolvimento da chamada Teoria Clássica pelo europeu Henri Fayol, e da Escola da Administração Científica (1856-1915) iniciada por Frederick W. Taylor, que começou a se preocupar com o aumento da produtividade na empresa, sendo que a resposta para a eficiência na indústria segundo ele, ocorreria por meio da racionalização do trabalho do operário (CHIAVENATO, 2014).

Taylor propôs o uso de métodos científicos para aumentar a produtividade, esse método conhecido como *Organização Racional do Trabalho* (ORT), fundamentava-se nos seguintes aspectos: análise do trabalho e do estudo de tempos e movimentos, estudo da fadiga humana, divisão do trabalho e especialização do operário, desenho de cargos e de tarefas, incentivos salariais e prêmios de produção, conceito de *homo economicus*, condições ambientais de trabalho e padronização (CHIAVENATO, 2014). O fabricante de automóveis Henry Ford, consolidou a sociedade de massa do século XX, ao utilizar a engenharia de Taylor em sua produção seriada e homogênea, aumentando a economia de escala e os lucros da produção de automóveis (ANTUNES, 2018).

Sobre sociedade de massa, Costa (2018, p. 70) afirma que, “é caracterizada por uma padronização, porque ela segue certos padrões e práticas sociais compartilhados e reiterados pela sociedade como um todo”. Ford ofereceu a sociedade essa padronização em seu modelo T de automóvel, além disso, “inovou na organização do trabalho – a produção de maior número de produtos acabados com a maior garantia de qualidade e pelo menor custo possível” (CHIAVENATO, 2014, p. 69). Apesar dos avanços como diminuição do desperdício sofridos nas indústrias, eliminação da ociosidade operária e aumento da produtividade com o treinamento e especialização dos operários, surgiram diversas críticas ao modelo de Taylor quanto a organização do trabalho. Sobre a filosofia do taylorismo podemos dizer que:

A filosofia do taylorismo, destinada a estabelecer a harmonia industrial em vez da discórdia, encontrou forte oposição entre os trabalhadores e sindicatos, pois os operários não conseguiam trabalhar dentro do ritmo de tempo-padrão preestabelecido pelos técnicos e passaram a se queixar de uma nova forma de exploração sutil do empregado: a fixação de padrões elevados de desempenho favoráveis à empresa e desfavoráveis aos trabalhadores. O trabalho superespecializado passou a ser considerado degradante e humilhante pelos trabalhadores, seja pela monotonia, pelo automatismo, pela diminuição da exigência de raciocínio ou pela destituição completa

de qualquer significado psicológico do trabalho. O homem deveria produzir como máquina ou robô, uma vez que Taylor procurava, sem conhecer devidamente o organismo humano, conseguir o rendimento máximo, quando deveria conseguir o rendimento ótimo. (CHIAVENATO, 2014, p. 73)

Assim, uma corrente de oposições a Taylor e Fayol foi criada em razão de causas como desmotivação, absenteísmo, ineficiência e cansaço dos trabalhadores (ORNELLAS e MONTEIRO, 2005). Nesse contexto, surge a chamada Escola das Relações Humanas de Elton Mayo e colaboradores, que se levanta para tirar o foco da estrutura e da tarefa predominante na Teoria Clássica e na Administração Científica, respectivamente, para colocá-lo nas pessoas. Segundo Chiavenato (2014, p. 106) “a Teoria das Relações Humanas nasceu da necessidade de corrigir a tendência à desumanização do trabalho com a aplicação de métodos científicos e precisos”.

Por volta da década de 1940, à Teoria Clássica e à Teoria das Relações Humanas receberam críticas por seu mecanicismo e romantismo ingênuo respectivamente, e isto revelou a falta de uma teoria estável que oriente o trabalho do administrador (CHIAVENATO, 2014). Dessa maneira, surge a Teoria Burocrática baseada nas obras de Max Weber, que visou racionalizar o comportamento humano dentro da organização. Segundo Weber, a burocracia é caracterizada em três condições, sendo elas; a formalidade, impessoalidade e profissionalismo (MAXIMIANO, 2000). No trabalho, a função e posição hierárquica dentro da organização passa a depender do nível de especialização de cada pessoa. Para Chiavenato (2014, p.269) as organizações burocráticas “dão ordens que devem ser obedecidas a fim de que a organização funcione com eficiência”.

Com a modernização e industrialização das organizações cada vez mais rápidas, configura-se a figura do homem organizacional, que participa ao mesmo tempo de várias organizações. Nas relações de trabalho, para se obter sucesso, passa a ser necessário ter flexibilidade, tolerância às frustrações, permanente desejo de realização e capacidade de colocar em primeiro lugar as atividades profissionais, em favor das vocações pessoais (CHIAVENATO, 2014).

A chegada da década de 1970 e 1980 é marcada pela Era da Qualidade, “onde encontra-se consumidores exigentes e mais conscientes que passam a exigir produtos diferenciados no que tange à qualidade” (ORNELLAS e MONTEIRO, 2005, p. 554). No final do século XX a década de 1990 é marcada com o surgimento da Era da Informação e pela Tecnologia da Informação (TI), que revoluciona a forma de trabalho dentro da organização. O mundo passa a estar mais conectado em razão da globalização, o conhecimento é o recurso mais valioso, as máquinas cada vez mais inteligentes, substituem o trabalhador em diversas áreas da

organização, os acontecimentos realizam-se mais rápido, ser flexível tornou-se essencial para ser bem-sucedido na organização, tudo “em face das constantes mudanças que ocorrem na vida moderna, bem como da diversidade dos papéis desempenhados nas diversas organizações, que podem chegar à inversão, aos bruscos desligamentos das organizações e aos novos relacionamentos”(CHIAVENATO, 2014, p 289).

Segundo Boyer (1986), a “flexibilidade” e “flexibilização” tornaram-se palavras para descrever as novas tendências do trabalho no século XXI” (*apud* CASULO e ALVES, 2018, p. 13). E é a flexibilização que permite “o capital tornar domável, complacente e submissa a mercadoria-força de trabalho” (CASULO; ALVES, 2018, p.13). Assim, o mito de que o trabalho no século XXI seria o “paraíso” graças ao avanço tecnológico mostrou-se equivocado, o que vemos são “bilhões de homens e mulheres que dependem de forma exclusiva do trabalho para sobreviver e encontram, cada vez mais, situações instáveis, precárias, ou vivenciam diretamente o flagelo do desemprego” (ANTUNES, 2018, p.25).

2.2 O trabalho precário

Desde tempos remotos o trabalho está presente na vida dos indivíduos, seja como uma atividade formal, definida e amparada por lei, seja como um conjunto de tarefas e práticas cotidianas associadas a criação de um determinado processo. A partir do início do século XX até a chegada do século XXI e o advento de uma sociedade digitalizada e tecnologizada, é possível observar evidentes transformações no mundo do trabalho, assim como novas configurações e formatos de atividades associadas ao trabalho. De acordo com Neves *et al.* (2018, p.3), “na sociedade capitalista o trabalho passa a ser visto como meio pelo qual uma parte da sociedade sobrevive e a outra parte acumula bens”. O que se observa é o resultado da lógica do capital que, ao expulsar homens e mulheres do mundo produtivo, abre caminho para a criação de diversos espaços, onde surgem novas modalidades de trabalho informal, intermitente, precarizado, “flexível”, que enfraquecem os níveis de remuneração daqueles que estão trabalhando, em razão da diminuição de empregos com um aumento global de trabalhadores e trabalhadoras, além daqueles que estão empregados e assistem a corrosão de seus direitos sociais e destruição de conquistas históricas (ANTUNES, 2018).

Neste sentido, historicamente o trabalho tem sido marcado pela precarização, associado ao desemprego, impulsionando a criação de novas modalidades de trabalho informal que levam a uma desvalorização dos direitos trabalhistas conquistados ao longo do tempo. Há diversas perspectivas acerca do que seria um trabalho precário, segundo Kalleberg (2009),

“entende-se trabalho precário como um tipo de emprego incerto, com alto nível de imprevisibilidade e com considerável grau de risco do ponto de vista do trabalhador” (*apud* MORAES, OLIVEIRA e ACCORSI, 2019, p. 11).

Antunes (2018), aponta que a inconstância e insegurança são características do trabalho precário, o autor cita o exemplo de uma experiência britânica conhecida como *zero hour contract* (em tradução livre significa “contrato de zero hora”), que se refere a uma forma de trabalho em que não se tem contrato, as horas são imprevisíveis, não há garantia de direitos, o trabalhador fica disponível para atender pedidos em qualquer horário, configurando um trabalho intermitente. E as grandes empresas se beneficiam dessa situação, desenvolvendo assim, a atual modalidade de trabalho precário: chamado por Antunes (2018) de “escravo digital”.

Dessa forma, grandes corporações globais que estão à frente do mundo financeiro e de outros negócios se tornam invisíveis, já que a expansão do trabalho *on-line* e dos “aplicativos” traz essa facilidade (ANTUNES, 2018). Antunes (2018) ainda cita o caso da empresa Uber como exemplo de empresa privada global de assalariamento disfarçado sob a forma de trabalho desregulamentado, que se apropria do mais-valor gerado pelo serviço dos motoristas, sem preocupações com deveres trabalhistas conquistados pela classe trabalhadora. Nessa modalidade de trabalho, o trabalhador é obrigado a cumprir metas que podem gerar pressão, angústia e depressão. Marx (2015, p.371) “ênfatizava que a produção capitalista, que é essencialmente produção de mais-valor, sucção de mais-trabalho, produz, com o prolongamento da jornada de trabalho, não apenas a debilitação da força humana de trabalho, ela produz o esgotamento e a morte prematuros da própria força de trabalho”.

Em circunstâncias de recessão, desemprego e crise econômica, na busca pela sobrevivência, muitos trabalhadores acabam aderindo a essa modalidade de trabalho, que se apropria do discurso do empreendedorismo, em que se propaga o pensamento “seja seu próprio patrão”. No entanto, o que tem se observado é que essa modalidade tem permitido o aumento da flexibilização salarial, a extensão da jornada de trabalho, funcional ou organizativa, e tem se apresentado como uma forma oculta de trabalho assalariado (ANTUNES, 2018). Standing (2014, p.70), afirma que o termo flexibilidade salarial, “esconde uma série de mudanças que impulsionaram o crescimento da precariedade”. Fatores como a fragilização do estatuto do emprego tem levado a uma multiplicação das chamadas “formas atípicas de trabalho”, que são resultados da precariedade do trabalho (VARGAS, 2016).

No conjunto das diversas perspectivas, definições e interpretações acerca da precariedade e do trabalho precário, neste estudo, busca-se empregar o termo precarização do

trabalho associado a insegurança laboral do trabalhador, relacionado à saúde e vida humana, insegurança quanto ao apoio das organizações em relação ao empregado, trabalhadores que tem seus direitos fundamentais negados, se distanciando das recomendações da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que defende um sistema de normas internacionais de trabalho que busca promover oportunidades igualitárias de acesso a um trabalho decente e produtivo, em condições de liberdade, equidade, segurança e dignidade (OIT,2021).

Neste sentido, Druck (2011), observa que a precarização social está relacionada às condições de (in) segurança e saúde no trabalho, onde o modelo de gestão utilizado desconsidera o treinamento necessário, ações de prevenção, explicações em relação a riscos, entre outros fatores, para tentar alcançar maior produtividade não importa qual custo, mesmo se tratando de vidas humanas. Além disso, o termo precariedade tem sido usado em países europeus para “protestar contra o declínio do trabalho seguro e das proteções sociais”, quando os trabalhadores se sentiam desvalorizados pela empresa e encaravam condições de trabalho sem estabilidade e segurança, mostrando que até mesmo na economia formal o trabalho precário se faz presente (KALLEBERG, 2009, p.25). Standing (2014, p.32) resume que a forma de entender o precariado é “perceber como as pessoas passam a realizar formas inseguras de trabalho que provavelmente não as ajudarão a construir uma identidade desejável ou uma carreira cobiçada”.

2.3 O trabalho precário na agroindústria frigorífica brasileira

Com as exigências do mercado global da carne, a aceleração e a expansão no ritmo de produção dos frigoríficos brasileiros tornaram-se inevitável. Em razão disso, trabalhadores que atuam em frigoríficos vivem uma configuração de trabalho insustentável, onde a fadiga, o cansaço, acidentes e problemas de saúde estão presentes. Marra, Souza e Cardoso (2013) expõem que a expansão do mercado de carnes, incluindo o internacional, tem forçado a competitividade do ponto de vista capitalista e, assim, os trabalhos nas agroindústrias são intensificados em razão da busca por maior produtividade. O setor da agroindústria é marcado pela intensificação, onde o aumento da produtividade é resultado da exploração capitalista (MARRA; COHEN; CARDOSO, 2019). E esta situação, em que há um ritmo acelerado de produção, reproduz um sistema que configura a exploração do trabalho pelo capital, em oposição ao interesse do bem-estar, da saúde e da qualidade de vida dos trabalhadores de frigoríficos (MARRA, 2019).

O agronegócio é um setor em amplo desenvolvimento, que gera riqueza ao país, e o setor de frigoríficos, incluindo frangos, suínos e bovinos, é responsável por empregar cerca de 800 mil pessoas no país (PORTO, 2021). De antemão, ao olhar esse dado, é possível resgatar a expressão “progresso e desenvolvimento” acompanhando-os, porém, na perspectiva do trabalhador, as condições de trabalho nos frigoríficos são desfavoráveis e provocam questionamentos a prosperidade que acompanha o setor, que registra acidentes, exaustão e adoecimento do trabalhador, configurando-se como um trabalho degradante, inseguro e precário. Heck (2013) argumenta que o resultado da geração de emprego no setor de frigoríficos normalmente reflete sobre a saúde do trabalhador com mutilações, acidentes e doenças referentes ao trabalho.

Oliveira e Mendes (2014, p. 4629), apontam que em relação as presentes condições de trabalho em frigoríficos “são incompatíveis com a saúde e com a dignidade humana. O modo de produção remonta ao tempo de Henry Ford, influenciado na concepção das linhas de montagem automobilística, onde há uma verdadeira legião de lesionados”. O agravo que as atuais condições de trabalho causam à saúde são diversos, o adoecimento do trabalhador em frigoríficos é algo recorrente. A fadiga constante, lesões, fraturas, contusões, podendo chegar a perda de membros em razão do maquinário e ferramentas de trabalho, é a vivência do dia a dia para quem trabalha no setor de frigoríficos no Brasil. Marra (2019) aponta que por fazerem uso de instrumentos perfurocortantes, como serras, facas e chaira para afiar as facas, os trabalhadores operam em um local de trabalho onde o risco de cortes é uma realidade.

Além disso, as longas jornadas de trabalho, sem o descanso necessário, as séries de movimentos repetitivos que são executados neste tipo de serviço, contribuem para o aparecimento de casos de Lesões Por Esforço Repetitivo (L.E.R), que são classificadas também como Doenças Osteomusculares Relacionadas com o Trabalho (DORT), as LER/DORT, assim como, as doenças psicológicas, sem contar as mutilações, e entre muitos outros casos de doenças (HECK, 2013).

Petean (2020) adverte que, o que se observa é a ampliação dos limites da jornada de trabalho, onde o trabalhador é considerado algo descartável, eternamente saudável, independente das condições que é submetido, tendo o limite do uso descomedido da força de trabalho. Em sua pesquisa realizada em frigoríficos do Oeste do Paraná, Leite (2015) conclui que, todos os dias, em todo o Brasil, centenas de pessoas entram na fila dos acidentados de trabalho em frigoríficos. Em cada dia, vidas são interrompidas, para que outras possam ser saciadas, onde sonhos são suspensos, para que uma pequena elite disponha de luxos inconcebíveis.

Na pesquisa de Heck e Carvalho (2010), realizada em um frigorífico de aves, os autores relatam o depoimento de uma trabalhadora que já não conseguia cumprir as metas impostas pela empresa. Em seu depoimento, ela fala do trabalho repetitivo, do adoecimento associado ao trabalho, além de ter entrado em depressão pela repetitividade e rapidez exigida do trabalho. Gemelli (2011) constatou ainda, por meio de entrevistas com os trabalhadores de um frigorífico de aves da Copagril, que a agilidade é uma característica fundamental que o trabalhador deve adquirir para aumentar a produtividade, e isto se torna mais evidente quando há supervisores que verificam o curso da linha de produção.

3 Metodologia

Para alcançar o objetivo deste estudo, foi adotada uma pesquisa com abordagem qualitativa, do tipo descritiva. Nesse tipo de abordagem, diferentemente da quantitativa não necessita do uso de métodos e técnicas estatísticas, a pesquisa utiliza o ambiente como fonte direta para coleta de dados, onde o pesquisador é o instrumento-chave e tende a analisar seus dados de forma indutiva, colocando o processo e seu significado como foco fundamental da abordagem (PRODANOV; FREITAS, 2013). Malhotra (2001, p. 155), “a pesquisa qualitativa proporciona melhor visão e compreensão do contexto do problema”. De acordo com Gil (2002), o estabelecimento de relações entre variáveis e a descrição das características de determinada população ou fenômeno, é o principal objetivo das pesquisas descritivas. Nesse sentido, o artigo buscou descrever a situação de trabalho precário que perdura na atualidade, no contexto desse estudo, a agroindústria frigorífica brasileira. Sobre a pesquisa descritiva, Malhotra (2001) afirma que seu propósito fundamental é descrever um fenômeno, e esse tipo de pesquisa é marcada pela necessidade de um enunciado claro do problema, hipóteses específicas e especificação de informações (MALHOTRA, 2001).

Para se obter maiores informações acerca do tema e dos dados necessários para a elaboração da pesquisa, utilizou-se como procedimento de coleta de dados, a pesquisa documental, que segundo Gil (2008), é utilizada quando a fonte de dados da pesquisa vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos traçados para o estudo. São dados obtidos de forma indireta, que possuem forma de documentos, tais como livros, jornais, papéis oficiais, registros estatísticos, fotos, discos, filmes e vídeos (GIL, 2008). Complementando essa ideia, a pesquisa documental “é um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão,

compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 5).

Como fonte de acesso aos dados relacionados ao tema, contexto, objeto de estudo, assim como dos objetivos traçados nesse estudo, foram utilizados os seguintes documentos: a fonte principal de acesso a informações foi o documentário “Carne, Osso”, produzido no ano de 2011, pela organização não-governamental Repórter Brasil, disponibilizado de forma gratuita no YouTube, que retrata em tom de denúncia, as condições precárias de trabalho vivenciadas por trabalhadores da agroindústria frigorífica do Brasil. Como fontes secundárias de acesso ao levantamento de dados, foram realizadas pesquisas no site de busca Google, buscando por matérias e notícias veiculadas na grande mídia nacional sobre o tema. A pesquisa utilizou os seguintes termos de busca: frigoríficos, trabalho em frigoríficos, acidentes em frigoríficos, frigoríficos e a Covid-19, JBS e o trabalhador, BRF e o trabalhador. O quadro 1 informa mais detalhadamente sobre as fontes documentais utilizadas nesse estudo.

Quadro 1 – Fontes documentais da pesquisa

Fonte	Documentário	Matérias veiculadas na grande mídia
Locais	Plataforma YouTube	Site de busca Google
Extensão	1: 05':50"	Cerca de 13 páginas de leitura.
Autor	ONG Repórter Brasil	Sociedade Nacional de Agricultura, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Le Monde Diplomatique, site G1, Brasil de Fato, Ministério da Saúde, O Joio e o Trigo, Folha de São Paulo, Revista Exame, Notícias r7, site UOL, Repórter Brasil, Governo Federal.
Data	2011	2017, 2020, 2021,
Títulos	Carne, Osso	- Estudo que aponta a evolução do setor de carnes no Brasil nos últimos 20 anos; - Exportações do agro ultrapassam US\$ 100 bilhões pela segunda vez na história; - Frigoríficos: a banalização do sofrimento dos trabalhadores; - Primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu em SP e completa seis meses nesta quarta; - Agronegócio pode ter infectado 400 mil trabalhadores no Brasil por Covid-19; - Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde; - O moedor de carne da JBS no Brasil: 7 acidentes de trabalho por dia; - Grupo JBS enfrenta 34 mil processos na Justiça do Trabalho; - Como a covid-19 invadiu fábricas da JBS, maior produtora de carne do mundo; - Frigorífico registra 1.138 casos de covid-19 em fábrica no Paraná; - Como a covid-19 varreu instalações brasileiras da JBS, maior produtora de carne do mundo; - Governo, congresso e indústria se mobilizam para rever proteções a trabalhadores de frigoríficos; - Normas Regulamentadoras NR-36: secretaria de trabalho;

Fonte: Elaborado pela autora

O conjunto de dados coletados foram organizados em categorias temáticas, seguindo as três etapas previstas da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados e interpretação. O documentário “Carne, Osso” que foi utilizado como o principal documento de fonte de pesquisa, foi assistido sete vezes em uma versão disponibilizada de forma gratuita pela plataforma YouTube. Para fazer as escolhas dos trechos, assim como as transcrições dos depoimentos dos trabalhadores, médicos do trabalho e auditores e fiscais do trabalho, foi preciso fazer diversas pausas, com várias repetições para checar as anotações, e transcrever a fala dos entrevistados com fidelidade. Os depoimentos dos participantes do documentário foram identificados no tópico de análise de dados como “trabalhador 1, trabalhador 2, e assim sucessivamente, para que dessa maneira, a imagem deles fosse preservada. Para a busca das matérias e reportagens veiculadas na grande mídia, foi utilizada a plataforma de busca Google, utilizando os termos chaves citados anteriormente para se obter maior fidelidade sobre o assunto pesquisado.

4 Análise de Dados

4.1 Apresentação do contexto da pesquisa

No ano de 2020, o rebanho bovino brasileiro foi considerado o maior do mundo, representando 14,3% do rebanho mundial, constituído por cerca de 217 milhões de cabeças. Ao somar a esse número, a produção de aves e de suínos, o país ocupa o terceiro lugar na posição do mercado internacional, com uma produção que correspondeu a 9,2%, em 2020, de acordo com a Sociedade Nacional de Agricultura (SNA, 2021). Em relação as exportações brasileiras do agronegócio em 2020, as carnes ficaram na segunda posição no *ranking* dos setores exportadores, faturando cerca de US\$ 17,16 bilhões, dos quais, as vendas de carne bovina corresponderam a 49,4% desse montante, com crescimento de 11,1% em relação ao ano anterior. A carne de frango representou 34,9% do total exportado pelo setor de carnes nos 12 meses, faturando US\$ 5,99 bilhões. Já as vendas externas de carne suína somaram US\$ 2,25 bilhões de acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) (MAPA, 2021).

Concomitante a esses índices, o Brasil ocupa em relação aos países do G-20 (África do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, China, Coreia do Sul, Estados Unidos, França, Índia, Indonésia, Itália, Japão, México, Reino Unido, Rússia e Turquia) e das Américas, o segundo lugar em mortalidade no trabalho referente a acidentes e doenças

ocasionadas em função do trabalho nos frigoríficos, reunindo o número de oito mil óbitos a cada 100 mil vínculos de empregos gerados no setor. O aumento no número total de acidentes notificados refere-se ao abate de suínos, aves e outros pequenos animais (de 10.880 acidentes em 2019 para 12.179 em 2020, com elevação de 12%) (PORTO, 2021).

Esses dados revelam que, mesmo com a existência de uma legislação específica para o setor, com orientações e normas como a NR-36 que trata da Segurança e Saúde no Trabalho em Empresas de Abate e Processamento de Carnes e Derivados, com o propósito de assegurar a rotina trabalhista e diminuir esses números, as rotinas de trabalho vivenciadas pelos trabalhadores de frigoríficos é bem distante da realidade que está prevista em lei. Há cerca de 800 mil indivíduos trabalhando na agroindústria de frigoríficos no Brasil, incluindo frango, suínos e bovinos, de acordo com a Confederação Brasileira Democrática dos Trabalhadores nas Indústrias da Alimentação (CONTAC) (PORTO, 2021).

No período da pandemia provocada pelo Covid-19, que teve o primeiro caso confirmado no Brasil em fevereiro de 2020, estima-se que de 25% a 50% dos trabalhadores deste setor podem ter sido infectados com o vírus em razão da atividade nas fábricas, já que o funcionamento de empresas frigoríficas permaneceram dentro do que foi considerado um serviço essencial à sociedade. Trabalhadores de frigoríficos tiveram suas vidas colocadas em risco diariamente, ao irem trabalhar em ambientes fechados, onde não há ventilação natural de ar (G1; RAMOS, 2020). Mesmo com a pandemia durante o ano de 2020, em detrimento da questão de saúde e segurança dos trabalhadores, observou-se que a lucratividade dessa parte do agronegócio teve um aumento significativo, quando comparado ao que foi exportado de carne bovina e derivados em 2019. O quadro 2, mostra como foi a exportação de carnes e derivados de bovinos, no período de janeiro a dezembro/2020.

Quadro 2- Exportação de Carnes e Derivados de Bovinos- Brasil- Mensal

Período	Janeiro a Dezembro/2019		Janeiro a Dezembro/2020		Variação 2020/2019	
Mês	Toneladas	US\$	Toneladas	US\$	Ton.	US\$
JANEIRO	123.444	457.380.500	135.375	618.265.788	10%	35%
FEVEREIRO	139.292	518.149.373	131.227	560.123.524	-6%	8%
MARÇO	143.539	529.707.382	147.333	636.209.240	3%	20%
ABRIL	137.606	516.083.895	135.857	576.579.278	-1%	12%
MAIO	151.270	577.810.573	182.856	778.626.043	21%	35%
JUNHO	137.987	528.174.718	176.366	740.654.358	28%	40%
JULHO	166.039	635.014.696	194.120	776.549.846	17%	22%
AGOSTO	160.338	658.691.480	191.141	753.129.781	19%	14%

SETEMBRO	163.371	679.820.618	166.366	668.640.082	2%	-2%
OUTUBRO	197.932	858.118.292	189.575	790.179.787	-4%	-8%
NOVEMBRO	180.214	841.917.022	197.852	844.894.953	10%	0%
DEZEMBRO	173.991	837.548.575	168.156	741.254.449	-3%	-12%
TOTAL	1.875.023	7.638.417.124	2.016.222	8.485.107.129	8%	11%

Fonte: Adaptado da Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo)

Em 2019, foram negociados 1,87 milhão de toneladas as de carnes e derivados, enquanto em 2020, mesmo com o cenário de pandemia, foram negociados 2,01 milhões de toneladas, representando um aumento de 8% de um ano para outro. Esses números revelam que não houve necessariamente uma preocupação com a saúde e segurança do trabalhador de frigoríficos, uma vez que em um ano de pandemia, com cerca de 194.949 mil mortes pelo vírus no ano de 2020, segundo a Secretarias Estaduais de Saúde (BRASIL, 2020), o número de exportação cresceu.

4.2 Condições de trabalho nas principais agroindústrias frigoríficas nacionais

Empresas como a JBS, que ocupa a posição de quarta maior empresa do ramo de alimentos no mundo e teve uma receita líquida global de R\$ 204 bilhões em 2019, está associada a frequentes e diversos casos de acidentes de trabalho em suas instalações, como mostram os dados registrados no período de julho de 2018 a março de 2020, em que os frigoríficos da empresa, localizados em 32 cidades do Brasil, emitiram 4.677 comunicações de acidentes de trabalho. São sete acidentes de trabalho por dia, em média, e 18% do total de casos registrados nesses municípios, no mesmo período (POMAR, 2020). Em matéria publicada pelo jornal Folha de São Paulo, no ano de 2016, a empresa JBS já respondia por 34 mil ações trabalhistas, e de acordo com demonstrações financeiras, esse número está ligado ao aumento de 11% nos acidentes com funcionários no período de 2015 a 2016 (LORENZI, 2017).

Durante o ano de 2020, diversas matérias veiculadas na grande mídia sobre a empresa JBS relacionava-se a pandemia e a saúde ocupacional do trabalhador do setor. A revista Exame, em matéria publicada em oito de setembro de 2020, relatou que 23 fábricas da empresa tiveram surtos de coronavírus, expondo a resistência da JBS aos apelos do Ministério Público do Trabalho (MPT) para realização de testes em massa nos trabalhadores, conforme exigência da legislação brasileira (REUTERS, 2020). Outra matéria veiculada no Portal UOL, em setembro de 2020 apontou que mais de 4.000 funcionários da JBS no Brasil testaram positivo para o

coronavírus, sendo que, pelo menos, seis destes vieram a óbito, de acordo com dados coletadas pelo MPT e por três sindicatos que investigam a empresa (MANO, 2020).

Em pesquisa realizada em uma instalação da JBS no município de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Lobo (2020), aponta para algumas condutas adotadas pela empresa durante a pandemia, como o caso de um trabalhador que apresentou sintomas característicos de Covid-19 e foi diagnosticado apenas por um exame clínico, com um resfriado comum e foi liberado para seu ambiente de trabalho com medicamentos apenas para atenuar os sintomas. Com o foco em manter a alta produtividade no setor, sem as devidas precauções e cuidados sanitários, o setor acabou contribuindo em expor seus trabalhadores ao coronavírus no Brasil. A empresa BRF (Brasil Foods S.A), considerada a maior exportadora de carne de frango do mundo, apresentou cerca de 29% dos casos de Covid-19 em frigoríficos no estado do Paraná, com 1138 casos de trabalhadores infectados (REUTERS, 2020).

O estudo de Silva (2016) aponta irregularidades em uma unidade da BRF no município de Vitória de Santo Antão, no estado de Pernambuco. O autor cita a prática do uso recorrente da terceirização e contratação temporária de funcionários por parte da empresa, que minimiza sua responsabilidade sobre esses colaboradores, uma vez que os contratos são de aproximadamente três meses, submetendo esses trabalhadores aos setores mais degradantes, desempenhando suas funções em temperaturas baixíssimas, além de realizar carregamento de caminhões no setor de distribuição (SILVA, 2016).

Antunes (2018, p.151) destaca que, “os trabalhadores terceirizados, além de ganhar menos, trabalhar mais, ter mais instabilidade e menos direitos, são os que mais morrem e se acidentam”. Essas condições precárias de trabalho, ocasionam justamente, a fragilidade de saúde e maior submissão a risco (ANTUNES, 2018). A pesquisa de Silva (2016) também mostrou que a maioria dos trabalhadores do setor tem suas origens no campo e é uma classe que depende do trabalho para sobreviver. Para o autor (2016, p.98), “as práticas autoritárias que expressam a exploração dos trabalhadores que buscam na empresa além de uma fonte de renda, uma estabilidade para a reprodução da vida, acontecem de forma intensa e constante”.

4.3 A precariedade das condições de trabalho

A precariedade das condições de trabalho nesse setor, podem ser evidenciadas de diversas formas e maneiras. Atualmente os trabalhadores de frigoríficos têm direito a “pausas de 20 minutos, por cada 1h40min de trabalho, para possibilitar a chamada “recuperação térmica” do corpo” (BARROS, 2021, Online). Essas pausas são extremamente necessárias uma

vez que esses trabalhadores são expostos a ambientes onde há baixa temperatura, variando entre 8°C e 10°C na sala de cortes (GEMELLI, 2011). Praticam movimentos fortes e repetitivos para desossar uma peça de carne por exemplo, além de trabalharem com equipamentos perfurocortantes, tais como serras, facas e outras ferramentas afiadas, como pode ser observado na figura 1, retirada do documentário “Carne, Osso”. Porém, o que se observa em 2021 é o projeto de lei (PL 2.363/2011) que está em discussão na Câmara dos Deputados que busca mudar esses intervalos, propondo que sejam assegurados apenas a colaboradores que trabalham abaixo de 4°C ou aqueles que movimentam cargas entre ambientes com notável diferença de temperatura (BARROS, 2021). Em caso de aprovação do projeto, “95% dos trabalhadores em frigoríficos de todo o país teriam seu direito fundamental à saúde restringido”, pois essas situações se aplicam somente a 5% do quadro de funcionários de uma planta industrial, de acordo com o MPT contrária à mudança (BARROS, 2021, Online).

Figura 1: Cena do documentário “Carne, Osso”



Fonte:| Repórter Brasil (2011)

No que se refere aos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) utilizados por esses trabalhadores, a norma regulamentadora NR-36 exige que equipamentos como capacete com óculos e/ou proteção auditiva devem ser compatíveis entre si, confortáveis e não acarretar riscos, as luvas devem ser compatíveis com a natureza das tarefas, com as condições ambientais e o tamanho das mãos dos trabalhadores, além de serem substituídas, quando preciso, com o propósito de evitar o comprometimento de sua eficácia. Ademais, os trabalhadores devem dispor de mais de uma peça de vestimenta, para utilizar de maneira sobreposta, a seu critério, e em função da atividade e da temperatura do local, atendendo às características higiênico-sanitárias legais e ao conforto térmico. A norma ainda saliente que as vestimentas devem ser trocadas diariamente, sendo sua higienização responsabilidade do empregador (MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA, 2018).

Figura 2 – Cenas do documentário “Carne, Osso”



Fonte: Repórter Brasil (2011)

É característico desse setor, o processo de produção que exige de seus trabalhadores extensas horas de trabalho em pé, alternando movimentos repetitivos, que devem acompanhar o ritmo e a velocidade da esteira de produção determinados pela empresa, para que o trabalho seja realizado, o que remete ao trabalho executado nas fábricas *taylorista-fordista*, que se perpetua nas agroindústrias frigoríficas. Embora possua novas e modernas configurações, o que se observa, é a intensificação do labor pelo aumento da velocidade das máquinas, onde os trabalhadores são controlados com rigor, no *modus operandi* de Taylor, contando seus tempos e movimentos, sob o olhar dos supervisores da produção (ROSSO E CARDOSO, 2015).

Os autores Rosso e Cardoso (2015) apontam que as máquinas elevam não somente a produtividade, como também a intensidade do trabalho, essa elevação de intensidade é característica do modo de produção capitalista, que através do aumento de velocidade desempenhada pelos trabalhadores, busca amplificar a quantidade de mercadoria produzida. Lobo (2020, p. 74) afirma que “trabalhadores em frigoríficos chegam a realizar 90 movimentos por minuto, sendo que o mais aceitável seria em torno de 30”. O autor ainda relata que os trabalhadores “são expostos ao frio, ao ruído, posturas inadequadas, amputações, umidade, deslocamento de carga em excesso, exposição à amônia, vasos de pressão e jornadas exaustivas” (LOBO, 2020, p. 74). Em relação aos movimentos realizados para a atividade de desossar frangos, por exemplo, o documentário “Carne, Osso” de 2011, registra o depoimento de alguns trabalhadores entrevistados, expostos a seguir, em alguns trechos.

Você tem que cumprir o que eles colocarem na esteira, eu acredito que eram seis segundos para desossar uma peça (Trabalhador 1, 4’10” a 4’30”)

Sem parar, dava alguns segundos para você afiar a faca né (Trabalhador 2, 4'42" a 4'47")

Eram 1800 carcaças por dia, era bem acelerado (Trabalhador 3, 4'56" a 5'00")

Percebe-se pelos depoimentos dos trabalhadores 1, 2 e 3, o tipo de cobrança e pressão a que são submetidos, Gemelli (2011) relata nos resultados de sua pesquisa, que o ritmo acelerado que produção e a incessante repetição de movimentos, faz com que trabalhadores desenvolvam doenças ou lesões em razão das condições de trabalho a que são submetidos. O autor ainda constata que quando ocorre alguma lesão ou doença e o trabalhador passa a não ser mais “útil” em nenhuma área da empresa, o mesmo é descartado, em alguns casos, não somente do trabalho frigorífico, mas de qualquer outra função de trabalho (GEMELLI, 2011).

No depoimento de um auditor fiscal do trabalho, quando aborda sobre a quantidade de movimentos realizado pelo trabalhador, demonstra o esforço colocado pelo trabalhador de frigorífico em uma tarefa que vista de longe, às vezes, pode considerada fácil, porém, quando feita todos os dias e de maneira repetitiva, é possível perceber suas consequências.

Uma desossa de perna de frango por exemplo, tem 12 cortes e mais seis outros movimentos. Pega a perna, tira o osso, tira perna, coloca o produto. Então nesses 12 cortes em 15 segundos, é 12 cortes em 15 segundos, mais seis outros movimentos. Então são 18 movimentos para desossar em 15 segundos uma perna de frango, que é coxa e sobrecoxa (Auditor Fiscal do Trabalho, 14'25" a 14'56").

Segundo Magro et al. (2014, p. 74) “a sobrecarga gerada pelo processo de intensificação do trabalho contribui para o “adoecimento dos trabalhadores” do setor, e este, por sua vez, gera mais intensificação do trabalho” o que acaba contribuindo para que esta situação não se resolva, e o trabalhador permaneça na situação em que está. Assim, cada vez mais pedidos de afastamentos do trabalho colocam os frigoríficos entre os dez principais segmentos econômicos, e o único da indústria, que mais procura benefícios do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), como auxílio-doença ou aposentadoria por invalidez, entre 2012 e 2018 (BARROS, 2021).

O relato marcante e emocionante de uma trabalhadora de frigorífico, falando sobre sua demissão do serviço, porque ficou um tempo afastada para cuidar de sua saúde demonstra o sofrimento e o nível de precariedade vivenciados pelos trabalhadores de frigoríficos.

Quando eu fui mandada embora da empresa, eu fazia mais ou menos, um mês que tinha feito cirurgia no pé. Fiquei quinze dias afastada e retornei. Quando fiquei, acho que cinco dias que eu trabalhei no setor eu fui mandada embora (Trabalhadora 4, 33'16" a 33'36").

É uma coisa bem difícil, por que a pessoa que se criou, no caso desde criança trabalhando, hoje eu tenho apenas 48 anos. Eu teria muito tempo para trabalhar ainda, se sentir sem força mais, não é fácil [...] olha, eu já tive época, eu não conseguia mexer uma panela (Trabalhadora 4,34' 14" a 34' 58").

Mesmo com todas as inovações e tecnologias adotadas nesse setor, Marra (2019, p. 78) salienta que “a indústria da carne não alterou de maneira significativa as relações de produção no que tange a exploração do trabalho e os agravos à saúde dos trabalhadores”. E assim, continua esse ciclo de exploração, onde trabalhadores são demitidos quando já não são considerados “úteis” pela organização.

4.4 Os sentidos do trabalho para os trabalhadores desses frigoríficos

Além de apresentar os desafios impostos pelas condições precárias de trabalho, um tema relevante e igualmente necessário ao debate, foi abordado no documentário, os sentidos e significados que o trabalho tem para esses trabalhadores. Esse tema surge nos depoimentos e relatos dos trabalhadores que participaram da obra. Nesse sentido, chama a atenção os sentidos e significados que o trabalho possui para eles, construídos a partir de suas percepções, histórias de vida, contextos de moradia e vivências.

O que se observou foi que, além de enfrentarem essa nova realidade de risco sanitário imposto pela pandemia, os indivíduos que trabalham em frigoríficos lidam com diversos outros problemas que afetam sua saúde física e psicológica, no dia a dia de trabalho, desde a possibilidade de acidentes, como cortes, lesões por esforço repetitivo, o adoecimento de estresse, depressão, mutilação, entre outros. E isso, é constatado nas falas de vários trabalhadores que foram entrevistados no documentário. A seguir, identificamos o trecho de um trabalhador que relata sua rotina de trabalho em um frigorífico.

É um serviço estressante, entende. É um serviço desgastante, por que ali você trabalha ao lado de estufa que tem calor, você trabalha sob pressão né. O pai de família que está ali, ele depende do emprego. Por mais que ele reclame e fale pro pessoal de comissão de CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) de técnico ali, ele também tem um medo, tem um receio né? Eles ficam cobrando, cobrando e não vê a situação dele, depois começa a cobrar, aí a pessoa começa a mudar ele de setor de serviço. Então tem o receio de ser mandado embora (Trabalhador 5, tempo 11'29" a 12'04").

Ainda há relatos sobre a pressão que as empresas frigoríficas impõem a seus funcionários, para que aumentem o ritmo de produção, o medo de ser demitido faz com que muitos entrem em depressão e se esforcem além do que seria considerado saudável para o corpo, como sugerem os trechos a seguir, dos trabalhadores 5, 6 e 7.

Aquela cobrança de produção, produção e produção, faz a conta tem dia que eles fazem até seis toneladas de peito (frango) e ainda cobrando (Trabalhador 6, 3'27" a 3'37").

O ritmo é muito acelerado, tem épocas que não. Mas aí tem épocas que eles (a empresa) firmam contrato de exportação, tantas toneladas lá, e eles tem que fazer. Aumentam a velocidade da linha e tem que andar (Trabalhador 7, 4'30" a 4'41")

E se você desviasse e prestasse atenção em uma outra coisa, tu não conseguias mais vencer o serviço depois, era muito apurado. Muito apurado, daí tu não conseguia vencer, tinha que prestar atenção ali, baixar a cabeça e dar conta do recado (Trabalhador 8, 3'38" a 3'53")

Antunes (2018) relata que os trabalhadores têm sofrido cada vez mais pressão para cumprir as demandas do mercado, as atividades são mais controladas e calculadas, há uma espécie de obstinação por parte dos gestores do capital em eliminar definitivamente os “tempos mortos” do processo de trabalho, e isso tem transformado o ambiente de trabalho em espaço de adoecimento. Dados da edição de 2019 do Anuário Estatístico de Acidentes do Trabalho, revelam que o número de ocorrências nas linhas de abates de frangos, bovinos e suínos chegou a quase 23 mil, uma média de 62 registros para cada dia do ano (BARROS, 2021). Esses números salientam o nível de precariedade em que vive o trabalhador de frigoríficos. Standing (2014, p.33) ressalta que mesmo não havendo uma definição homogênea para o precariado, as pessoas que sofrem isso “compartilham um sentimento de que seu trabalho é útil (para viver), oportunista (pegar o que vier) e precário (inseguro)”. No relato a seguir é possível perceber essa situação de precariedade, de acordo com o que diz Standing (2014), ao falar da utilidade do trabalho para viver e sua característica oportunista.

É a profissão que aprendi né, quase tive que sair dela por um acidente. Mas assim, eu não tenho tanto estudo assim, eu não sou formado em nada. Então a única coisa que é o meu meio de me manter com minha família é aquilo dali (trabalho em frigorífico) tive que opinar por isso. Não tem escolha, quando não se tem escolha com uma coisa, você deve permanecer no que sabe. Não tem jeito. É aqui ou você vai roubar, então é melhor trabalhar ali. Ele se machuca, mas é o serviço do cara. Tem que fazer aquilo ali, pode até ficar assustado, mas fazer o que? (Trabalhador 9, 38'21" a 38'54").

As longas horas em pé, a repetição excessiva de movimentos, além do manuseio de ferramentas, pode prejudicar a saúde do trabalhador da indústria frigorífica como aponta Marra, Souza e Cardoso (2013, p. 3263) ao dizer que “o manuseio de produtos ou equipamentos, mesmo de peso-leve, pode exigir esforços respeitáveis, o que gera uma alta prevalência de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT) ”.

Duas vezes ao dia tinha ginástica, mas acho que era uns dois minutinhos, mas você não tinha tempo, fazia ali mesmo onde você está trabalhando (Trabalhador 10, 12:15 a 12:26).

Imagina oito horas em uma mesa, direto fazendo só aquele movimento ali, aquele mexendo com os braços (Trabalhador 11, 1'27" a 1'39").

Todo dia eu pegava a faca e ia desossar, tirava a carne do osso, a mesma atividade o dia inteiro, de manhã até o final da tarde (Trabalhador 12, 1'41" a 1'52").

Além de estarem sujeitos a um ambiente com vibrações, barulhos, baixa temperatura, vapores, contatos com produtos químicos e com material infeccioso, movimentos repetitivos da mão ou do braço, essas pessoas estão em ambientes onde as condições estruturais não são das melhores.

A condição estrutural do prédio, não é adequada para a produção de um frigorífico, e sim para um abatedouro, que abate 80, 60 ou 100 cabeças dia, no máximo. E eles abatem 400 cabeças com essa estrutura precária, de delimitação física, entendeu. Você percebe sobrecarga de trabalho em alguns trabalhadores, então é um problema estrutural. Proximidade muito grande entre trabalhadores que trabalham com faca, a questão da prevenção com essa queda em altura não existe, sobrecarga física. O problema estrutural de coleta no piso de sangue, da graxa, em que não coleta adequadamente e o cara pode escorregar (Trabalhador 13, 10' 23" a 11' 05").

Diante disso, é evidente que a consequência do trabalho precário sempre rescindirá sobre o trabalhador assalariado que busca sobreviver em uma sociedade capitalista que não se importa em como ocorre o processo de produção de seus alimentos. O trabalho em frigoríficos, torna visível o tipo de trabalho que degrada e adocece ainda existente na sociedade do século XXI.

Os desafios enfrentados no dia a dia pelos trabalhadores dos frigoríficos são inúmeros, trata-se de um trabalho bastante exigente, onde o ritmo de produção elevado e os movimentos repetitivos contribuem para o risco de adoecimento físico do trabalhador, além de que, a busca no aumento de maior produtividade por parte das empresas e a constante pressão que recai sobre o colaborador para alcançar essa produtividade, contribui também para o adoecimento mental dos trabalhadores. E isso, é evidenciado nos relatos retirados do documentário Carne, Osso e nas notícias sobre os frigoríficos veiculadas na mídia.

5 Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo analisar as condições precárias do trabalho vivenciado pelos trabalhadores que atuam na agroindústria frigorífica. Por meio do que foi exposto no estudo, é possível afirmar que o trabalho exercido por trabalhadores da linha de produção em frigoríficos no Brasil caracteriza-se como um trabalho precário, uma vez que

submete o trabalhador a condições em que põe sua saúde física e mental em risco, além de desconsiderar o que está escrito na própria Constituição Federal no Art. 7º inciso XXII, sobre os direitos dos trabalhadores urbanos e rurais quanto a “redução dos riscos inerentes ao trabalho, por meio de normas de saúde, higiene e segurança”(CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO, 2017).

As agroindústrias frigoríficas retratam uma realidade de precarização e sistemática corrosão de direitos trabalhistas, onde o trabalhador passa por situações que são insustentáveis a longo prazo, para sua saúde física e mental. Apesar de o setor ocupar uma posição de participação significativa dentro da economia, gerando riqueza para o país, esse aspecto parece não receber a devida importância, considerando as condições de trabalho que seus colaboradores são submetidos. Resultado disso, é o Brasil ocupar o segundo lugar em relação a mortalidade no trabalho relacionado a acidentes e doenças no trabalho nos frigoríficos, entre os países do G-20.

No que se refere às empresas frigoríficas, o que se observa é a imposição de um ritmo de produção cada vez maior e mais exigente, pois para se manter competitivo a nível global, é preciso acompanhar o sistema de produção capitalista globalizante, caracterizado principalmente pela superexploração da força de trabalho. Nota-se, que durante o período de pandemia que teve início em 2020, a situação do trabalhador de frigoríficos ficou ainda mais complexa, já que o ambiente de trabalho era propício a disseminação do vírus, e as empresas não cumpriam as restrições sanitárias necessárias para a proteção do trabalhador.

O trabalhador da agroindústria frigorífica é exposto diariamente a uma exaustiva rotina de repetição de diversos movimentos, associada ao uso de ferramentas perfurocortantes que podem ocasionar lesões e lacerações, colocando sua saúde e sua vida em risco. Além do risco físico objetivo inerente a função, nos depoimentos foi possível identificar também, o sofrimento psíquico a que estão submetidos, em função da intensidade de cobrança e a pressão psicológica. O medo também faz parte, pois em algumas localidades, o frigorífico é a única opção de emprego viável, quando aliado a possibilidade de perder esse vínculo, que permite sua sobrevivência, é sujeitado ao silenciamento e a cega submissão. Além disso, observam-se as doenças causadas por distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT) que afetam muitos trabalhadores desse setor, já que muitas vezes o tempo de descanso necessário não é cumprido de acordo com o que a lei exige.

Neste ponto das considerações finais, admite-se que se trata de um tema abrangente, complexo e multifatorial, possível de ser compreendido e estudado sob diversas lentes teóricas e metodológicas, assim como de perspectivas distintas. Admite-se ainda, que mesmo com as

limitações impostas a esse estudo, dentre outras, as adversidades e restrições trazidas pela pandemia, entende-se que ele oferece contribuições à discussão, e acrescenta ao conjunto de outros trabalhos que abordaram o tema na Administração, no contexto do agronegócio e da gestão e relações de trabalho de agroindústrias frigoríficas brasileiras. Espera-se que o conjunto de achados que aqui foram levantados, revele a importância de manter esse debate na agenda de pesquisas da Administração, para uma maior compreensão da realidade que a classe trabalhadora de frigoríficos tem enfrentado, em especial da severidade encontrada no contexto dos últimos anos de pandemia. Trata-se de um tema de interesse para a academia e os diversos segmentos, como governo, sociedade civil, órgãos de classe, sindicatos e a sociedade, e não é possível deixar de lutar contra a precarização, a informalidade e a degradação dos direitos trabalhistas.

Algumas restrições que acompanharam esse estudo, como a impossibilidade de coleta de dados presenciais, se tornam possibilidades de estudos futuros, assim como a possibilidade de explorar o tema em uma investigação mais aprofundada. Dessa forma, recomendam-se que em futuros estudos sejam realizadas coletas de dados presenciais, por meio de técnicas que utilizem entrevistas em profundidade e trajetórias de vida laboral, assim como o acesso a outros documentos, em estudos multi-métodos ou ainda com a possibilidade de triangulação de dados, para contribuições mais robustas na área.

Referências

AGRICULTURA, Sociedade Nacional de (SNA). **Estudo aponta a evolução do setor de carnes no Brasil nos últimos 20 anos**. 2021. Disponível em: <https://www.sna.agr.br/estudo-da-embrapa-aponta-evolucao-do-setor-de-carnes-no-brasil-nos-ultimos-20-anos/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão o novo proletariado de serviços na era digital**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BARROS, C. J. **Governo, Congresso e indústria se mobilizam para rever proteções a trabalhadores de frigoríficos**. Repórter Brasil, 2021. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2021/04/governo-congresso-e-industria-se-mobilizam-para-rever-protecoes-a-trabalhadores-de-frigorificos/>. Acesso em: 14 jul. 2021.

CARNE, OSSO. Direção: Caio Cavechini e Carlos Juliano Barros. Roteiro e edição: Caio Cavechini. Fotografia: Lucas Barreto. Pesquisa: André Campos e Carlos Juliano Barros. Produção Executiva: Maurício Hashizume. Duração: 65 min. Realização: **Repórter Brasil**, 2011. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=887vSqI35i8&list=PLHzJ0RFa0yEBO0Nf66N_4oWFd3GUoi9dd. Acesso em: 6 jun. 2021.

CASULO, A. C; ALVES, G. **Precarização do trabalho e saúde mental: o Brasil da Era Neoliberal**. Bauru: Projeto Editorial Praxis, 2018.

CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração**. Editora Manole; 9ª edição. São Paulo, 2014.

CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO – CLT e normas correlatas. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.189 p.

COSTA, N. R. de. **A sociedade de massas em Hannah Arendt**. 2018. 1 recurso online (137 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em:<<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/332300>>. Acesso em 23 mar. 2021.

DRUCK, G. **Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios?** Caderno CRH, Salvador, v. 24, n. spe 01, p. 37-57, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/qvTGPNCmnSfHYJjH4RXLN3r/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 out. 2021.

EMBRAPA. **Ciência que transforma: agroindústria**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/grandes-contribuicoes-para-a-agricultura-brasileira/agroindustria>. Acesso em: 10 ago. 2021.

EMBRAPA. **Brasil é o quarto maior produtor de grãos e o maior exportador de carne bovina do mundo, diz estudo**. 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/62619259/brasil-e-o-quarto-maior-produtor-de-graos-e-o-maior-exportador-de-carne-bovina-do-mundo-diz-estudo>. Acesso em: 11 ago. 2021.

FRIGORÍFICOS, Associação Brasileira de (ABF). **Exportação de carnes e derivados de bovinos – janeiro a dezembro/2020**. ABRAFRIGO. Disponível em: https://www.abrafrigo.com.br/wp-content/uploads/2020/12/ABRAFRIGO-Exporta%C3%A7%C3%A3o-Carne-Bovina-Jan_2019-a-Dez_2020.pdf. Acesso em: 11 jul. 2021.

GEMELLI, D. D. **Mobilidade territorial do trabalho como expressão da formação do trabalhador para o capital: Frigorífico de Aves da Copagril de Marechal Cândido Rondon/PR**. 2011. 275 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Oeste do Parana, Francisco Beltrão, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

G1. **Primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu em SP e completa seis meses nesta quarta**. 2020. Disponível em:<<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/26/primeiro-caso-confirmado-de-covid-19-no-brasil-ocorreu-em-sp-e-completa-seis-meses-nesta-quarta.ghtml>>. Acesso em: 13 jul. 2021.

HECK, F.M. **Uma geografia da degradação do trabalho: o adoecimento dos trabalhadores em frigoríficos.** Rev. Percurso – NEMO 2013; 5(1):3-31.

HECK, F. M.; CARVALHAL, M. D. **A territorialização do frigorífico de aves da Copagril em Marechal Cândido Rondon (PR): precarização do trabalho e desrespeito à legislação trabalhista.** Revista Pegada Eletrônica (Online), Presidente Prudente, v. 11, n. 2, p. 51-76, dez. 2010.

JESUS, E. de. **O Estado a serviço do capital: adoecimento no trabalho, agroindústria e previdência social no Brasil.** 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/198386/PGSS0215-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 ago. 2021.

KALLEBERG, A. L. **O crescimento do trabalho precário: um desafio global.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.24, n.69, 2009, p: 21-30. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/wFXkGkStrfp8yByGCh3C4rp/?lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2021.

LEITE, N. B. **Acidente de trabalho: precarização da força de trabalho nos frigoríficos da região oeste do Paraná.** 2015. 225 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento regional e do Agronegócio) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2015. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2201/1/Nilton%20Batista%20Leite.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

LOBO, T. A. **Trabalho indecente e pandemia: o caso JBS Aves em Passo Fundo.** Tessituras /Revista de Antropologia e Arqueologia; v.8, s1; jan-jun 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/18908/11453>. Acesso em: 13 ago. 2021.

LORENZI, S. **Grupo JBS enfrenta 34 mil processos na Justiça do Trabalho.** 2017. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/06/1890280-grupo-jbs-enfrenta-34-milbrprocessos-na-justica-do-trabalho.shtml>. Acesso em: 27 jul. 2021.

MAGRO, M. L. P. D, COUTINHO, M. C., BLANCH, J. M., & MORÉ, C. L. O. O. **Intensificação e prolongamento da jornada de trabalho nas indústrias de abate e processamento de carnes e seus impactos na saúde dos trabalhadores.** Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, São Paulo, v. 17, n.1, p. 67-83, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000200006>. Acesso em: 11 ago. 2021.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada** / Naresh Malhotra; trad. Nivaldo Montingelli Jr. e Alfredo Alves de Farias. - 3. ed. - Porto Alegre: Bookman, 2001.

MANO, A. **Como a covid-19 varreu instalações brasileiras da JBS, maior produtora de carne do mundo.** UOL, 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/09/08/especial-como-a-covid-19-varreu-instalacoes-brasileiras-da-jbs-maior-produtora-de-carne-do-mundo.htm>. Acesso em: 12 ago. 2021.

MAPA. **Exportações do agro ultrapassam US\$ 100 bilhões pela segunda vez na história.** 2021. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; Portal Gov.br. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/exportacoes-do-agro-ultrapassam-a-barreira-dos-us-100-bilhoes-pela-segunda-vez>. Acesso em: 13 ago. 2021.

MARRA, G. C. **Saúde e processo de trabalho em frigoríficos:** da necessidade ao adoecimento. Tese (doutorado) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro, 2019.

MARRA, G. C.; COHEN, S. C.; CARDOSO, T. A. de O. **Reflexões sobre o trabalho em frigoríficos e seus impactos sobre a saúde dos trabalhadores.** Trabalho & Educação, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 231–243, 2019. DOI: 10.35699/2238-037X.2019.13534. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/13534>. Acesso em: 05 ago. 2021.

MARRA, G. C., SOUZA, L. H. de, & CARDOSO, T. A. de. (2013). **Biossegurança no trabalho em frigoríficos:** da margem do lucro à margem da segurança. Ciência & Saúde Coletiva, 18(11), 3259-3271. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/PGjZXbt7KyDMcftLPJ74Tyn/abstract/?lang=pt&format=html> . Acesso em 12 jul. 2021.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política.** Livro I: o processo de produção do capital (Coleção Marx Engels). Trad. Rubens Enderle, Formato; e-book Kindle, 1322 p. São Paulo: Boitempo Editorial (23 outubro 2015).

MAXIMIANO, A. C. A. **Introdução à administração.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA. **NR-36 - Segurança e Saúde no Trabalho em Empresas de Abate e Processamento de Carnes e Derivados.** Governo Federal, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/composicao/orgaos-especificos/secretaria-de-trabalho/inspecao/seguranca-e-saude-no-trabalho/normas-regulamentadoras/nr-36.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2021.

MORAES, R. B. de S.; OLIVEIRA, M. A. G. de.; ACCORSI, A. **Uberização do trabalho: a percepção dos motoristas de transporte particular por aplicativo.** Revista Brasileira de Estudos Organizacionais – v. 6, n. 3, p. 647- 681, dez/2019.

NEVES, D. R.; NASCIMENTO, R. P.; FELIX JUNIOR, M. S.; SILVA, F. A. da.; ANDRADE, R. O. B. de. **Sentido e significado do trabalho: uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library.** 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/ncWvqK58zG8PqZC5ZQCGz9x/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 mar. 2021.

OLIVEIRA, P. A. B.; MENDES, J. M. R. **Processo de trabalho e condições de trabalho em frigoríficos de aves:** relato de uma experiência de vigilância em saúde do trabalhador. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 19, n. 12, p. 4.627-4.635, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2014.v19n12/4627-4635/pt/>. Acesso em: 14 jul. 2021.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL TRABAJO (OIT). **Las normas de la OIT y la COVID-19 (coronavirus)**. 2021. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/-ed_norm/-normes/documents/publication/wcms_781446.pdf. Acesso em: 27 set. 2021.

ORNELLAS, T. C. F. de.; MONTEIRO, M. I. **Aspectos históricos, culturais e sociais do trabalho**. (2005). Rev. Bras. Enferm., Brasília, v. 59, n. 4, p. 552-555, ago. 2006. Disponível em; <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672006000400015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 mar. 2021:<https://doi.org/10.1590/S0034-71672006000400015>.

PETEAN, G. H. **Intensificação e afastamento do trabalho nos frigoríficos de mato grosso do sul**. Tese (doutorado) – Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Escola de Administração e Negócios Programa de Pós-graduação em Administração, Campo Grande, 2020, 286 p.

POMAR, M. H. **O moedor de carne da JBS no Brasil: 7 acidentes de trabalho por dia**. 2020. O Joio e o Trigo. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2020/12/o-moedor-de-carne-da-jbs-no-brasil-7-acidentes-de-trabalho-por-dia/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

PORTO, N. A. G. **Frigoríficos: a banalização do sofrimento dos trabalhadores**. Le Monde Diplomatique, 2021. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/frigorificos-a-banalizacao-do-sofrimento-dos-trabalhadores/>>. Acesso em: 11 jul. 2021.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2º edição, Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMOS, M. F. **Agronegócio pode ter infectado 400 mil trabalhadores no Brasil por Covid-19**. Brasil de Fato, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/15/agronegocio-pode-ter-infectado-400-mil-trabalhadores-no-brasil-por-covid-19>. Acesso em: 11 ago. 2021.

REUTERS. **Como a covid-19 invadiu fábricas da JBS, maior produtora de carne do mundo**. 2020. Exame. Disponível em: <https://exame.com/negocios/como-a-covid-19-invadiu-fabricas-da-jbs-maior-produtora-de-carne-do-mundo/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

REUTERS. **Frigorífico registra 1.138 casos de covid-19 em fábrica no Paraná**. Notícias r7, 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/economia/frigorifico-registra-1138-casos-de-covid-19-em-fabrica-no-parana-10082020>. Acesso em: 27 jul. 2021.

ROSSO, S. D.; CARDOSO, A. C. M. **Intensidade do trabalho: questões conceituais e metodológicas**. Revista Sociedade e Estado - Volume 30; Número 3, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/RNpccFSrCBTFhVcpZWhqTLF/?lang=pt>. Acesso em: 05 ago. 2021.

SAÚDE, Ministério da. **Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde**. 2021. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 26 set. 2021.

SÁ-SILVA, J. R., ALMEIDA, C. D. DE, & GUINDANI, J. F. (2009). **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira De História & Ciências Sociais, 1(1). Disponível em:<<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>>. Acesso em 14 de julho, 2021.

SILVA, L. R. S. **Dos engenhos de cana a brf: territorialização do capital e exploração do trabalho no espaço agrário de vitória de santo antão, pernambuco**. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25012>. Acesso em: 17 ago. 2021.

STANDING, G. **O precarizado: A nova classe perigosa**. Tradução: Cristina Antunes. 1. ed. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

VARGAS, F. B. **Trabalho, Emprego, Precariedade: dimensões conceituais em debate**. *Cad. CRH* [online]. 2016, vol.29, n.77, pp.313-331. ISSN 1983-8239. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792016000200008>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010349792016000200313&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 28 mar. 2021.

YAFUSSO, Paulo Massaharu. **Valor da produção agropecuária de Mato Grosso do Sul chega ao recorde de R\$ 70,9 bilhões**. 2021. Portal do Governo de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <http://www.ms.gov.br/valor-da-producao-agropecuaria-de-mato-grosso-do-sul-chega-ao-recorde-de-r-709-bilhoes/>. Acesso em: 27 set. 2021.